

## Benveniste-Agamben: proposição de uma epistemologia do encontro

Silvana Silva<sup>1</sup>

Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

**Resumo:** Este ensaio busca compreender o recurso que o filósofo Giorgio Agamben faz ao pensamento do linguista Émile Benveniste, no texto *O arquivo e o testemunho* (2008). Utilizamos da metáfora do 'encontro' tal como entendida por Normand (2009) bem como por Todorov (1987), e escandida em três momentos, a saber, *encontrar, apropriar e gostar*. Dividimos o texto de Agamben nesses três momentos, observando a tentativa do filósofo de se aproximar e se apropriar do pensamento benvenistiano. Além disso, relacionamos o pensamento do filósofo a um ressurgimento da valorização da filosofia italiana na contemporaneidade (ESPOSITO, 2016). Nossa principal reflexão é a de que o filósofo Agamben vê em Benveniste a concepção de um *pensamento afirmativo* (ESPOSITO, 2016) sobre a natureza da linguagem e da vida do homem na língua. Concluimos ainda que as relações entre filosofia e linguística podem constituir interdisciplinaridade com base em uma *epistemologia do encontro*.

**Palavras-chave:** Giorgio Agamben; Émile Benveniste; Epistemologia da Linguística.

**Title:** Benveniste-Agamben: proposition for an epistemology of encounter

**Abstract:** This essay seeks to understand the philosopher Giorgio Agamben's appeal to the thought of linguist Émile Benveniste, in the text *The Archive and the Testimony* (2008). We use the metaphor of 'encounter' as understood by Normand (2009) as well as Todorov (1987), and scandalized in three moments, namely, finding, appropriating and liking. We divide Agamben's text into these three moments, noting the philosopher's attempt to approach and appropriate Benvenist thought. In addition, we relate the philosopher's thinking to a resurgence of the appreciation of Italian philosophy in contemporary times (ESPOSITO, 2016). Our main reflection is that the philosopher Agamben sees in Benveniste the conception of affirmative thinking (ESPOSITO, 2016) about the nature of language and man's life in language. We also conclude that the relationship between philosophy and linguistics can constitute interdisciplinarity based on an *epistemology of the encounter*.

**Keywords:** Giorgio Agamben; Émile Benveniste; Linguistic Epistemology.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4069-580X>. E-mail: [ssilvana2011@gmail.com](mailto:ssilvana2011@gmail.com).

## Introdução

“Benveniste-Agamben”, uma associação contingente ou um encontro – tão esperado – entre o filósofo e o linguista? A relação entre esses autores não é nova (Silva, 2013, por exemplo). Retomamos a provocação de Normand (2009, p. 195) no texto intitulado “Saussure-Benveniste” para um título semelhante e igualmente singular: “Saussure-Benveniste não é um título: é somente um anúncio e um gesto de recuo (...): da relação entre dois nomes, aqui justapostos na ordem neutra da cronologia, há sem dúvida algo a dizer, mas como?” Com o título do presente artigo, faço também um chamamento e uma pergunta: o que Agamben ‘encontra’ na reflexão do linguista? O que teria a Filosofia a aprender com a nossa jovem ciência?

Não é de hoje que o linguista quer falar a filósofos. É bem conhecida a palestra de Benveniste a esse público: “Forma e sentido na linguagem” (*PLG I*) é sucedido inclusive de uma entrevista em que o linguista é indagado por cinco filósofos: Gochet, Guerault, Piguët, Ricouer e Perelman. Desejo de divulgação científica sob a forma acadêmica do ‘debate? Sim, é um Benveniste preocupado em explicar e esclarecer conceitos que encontramos nessa entrevista, como podemos verificar no trecho abaixo:

Perelman: Gochet em sua intervenção distinguiu “statement” de “sentence”, isto é, frase impessoal, de seu uso num contexto determinado (...). É por isso que eu gostaria de saber o que é posto por assim dizer em segundo plano, o que o senhor considera como secundário, contentando-se com uma dicotomia em lugar de uma divisão tripartite.

Benveniste: É útil de fato confrontar aqui dois usos terminológicos, porque eles não são apenas terminológicos e implicam precisamente uma tal ou tal concepção de conjunto. Creio ser necessário quanto a mim (tenho a impressão de que não sou o único entre os linguistas), partir da língua e tentar chegar aos fundamentos que ela permite entrever. A contribuição dos linguistas à teoria geral do conhecimento é precisamente na independência de sua abordagem. (...). **Trata-se de saber se a dicotomia que eu apresento é ou não conciliável com a tripartição que os lógicos instituíram.** (BENVENISTE, 1989, p. 237-38, grifos nossos)

Vemos ainda no trecho acima uma tentativa de Benveniste de ‘conciliar’ alguns pressupostos da filosofia e da linguística. Em suma, entendemos que Benveniste interroga os filósofos sobre a operacionalização das duas ‘formas de viver linguagem’ na construção geral do pensamento instituída pelos filósofos. A independência da linguística que Benveniste – e outros linguistas, sabemos – reivindica para o estudo da língua/linguagem pode assim reestruturar e até desconstruir as ‘instituições’ do saber elaboradas pelos filósofos. Esse é o “pomo da discórdia”: “ou está dentro da língua ou está fora da língua, *tertium non datur*” (BENVENISTE, 1989, p. 227). O esclarecimento que Benveniste propõe é também um ato de afirmação da existência da Linguística. A questão das relações entre lógica e semântica volta no final do debate revelando que esse encontro de 1968 não conciliou de fato pressupostos ou, minimamente, pontos de vista.

É necessário ainda justificar a segunda afirmação de nosso ‘título-anúncio’. Quando e onde aconteceu o encontro entre o filósofo e o linguista? É epistemologicamente possível

que o linguista e o filósofo compartilhem fundamentos do saber? Ainda hoje vemos o linguista afirmar a sua independência: a primeira palestra do curso livre do linguista Sémir Badir, em janeiro de 2019 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reforçou as diferenças entre os pontos de vista de linguistas, de filósofos e de sociólogos. O filósofo pergunta-se ‘O que são as coisas?’ “Como são as coisas mesmo?”, “O que é isso mesmo?”, bastando ver os títulos de obras de diversos filósofos do século XX. O linguista – e o sociólogo – pergunta-se “Como as coisas funcionam (na sociedade, em um contexto específico, para um grupo)?”. Badir formula, de fato, diferenças epistemológicas entre o objeto de pesquisa de linguistas e filósofos.

Encontramos, no entanto, na obra filósofo Giorgio Agamben um (1) texto que nos surpreendeu e nos fez considerar tais relações de forma diferente<sup>2</sup>. Esse é o objetivo dessas páginas: ler o texto “O arquivo e o testemunho”, último capítulo do livro *O que resta de Auschwitz*, aos olhos de um encontro do filósofo com o linguista. Finalmente, a tão sonhada interdisciplinaridade<sup>3</sup>?

Compreenderemos esse ‘encontro’ sob três óticas. Assim, como Normand se questionou se a relação entre Benveniste e Saussure é da ordem da filiação, da influência ou do encontro, isto é, em suas belas palavras, “mais do que referências, tratar-se-á de presenças: ambos se impuseram e se impõem ainda hoje para quem se interessa por linguagem” (2009, p. 198), nos questionamos sobre a natureza do encontro Benveniste-Agamben. Normand (2009) nos mostra grande ceticismo ao conceber tais relações como da ordem da filiação, da influência ou simplesmente de uma cronologia cega. Assumimos assim que se trata exatamente disso: Benveniste ‘encontra’ Saussure.

A fim de aprofundar e detalhar o que entendemos por ‘encontro’, inspiramo-nos nas formas de *conhecer* propostas por Todorov na obra “A conquista da América” (1987), livro que me encantou quando o li pela primeira vez, em meio à busca da ‘antropologia da linguagem’ durante o doutorado. Este livro trata da relação do conquistador espanhol com o povo asteca. Percebemos nesta obra, tanto quanto em Normand (2009), a presença de uma ‘epistemologia do encontro’. Interroga-se Todorov:

Cortez entende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos. (...) Há então um encadeamento aterrador, em que o compreender leva a tomar e tomar a descobrir, encadeamento cujo caráter ineludível se deve questionar. Não deveria a compreensão correr ao lado da simpatia? E mais, o desejo de tomar, de enriquecer sobre às custas do outro não deveria levar a querer preservar esse outro, fonte potencial de riquezas? (TODOROV, 1987. p. 137).

Todorov propõe então quatro movimentos nessa relação entre eu e o outro, a saber,

---

<sup>2</sup> Como nos lembra o professor Valdir Flores em sua interlocução no *III Colóquio Émile Benveniste* (UFPEL, 10 e 11 de outubro de 2019), Agamben cita Benveniste em muitas de suas obras. A título de exemplo, remetemos o leitor à obra *Infância e História*: realizamos uma leitura de outro ‘encontro’ entre Agamben e Benveniste, argumento desenvolvido em Silva (2019).

<sup>3</sup> A ‘interdisciplinaridade’ entre linguística e filosofia é vista com desconfiança também em nossos amigos linguistas. Vejamos a última frase de Flores e Teixeira (2005, p. 91) em capítulo sobre o tema: “uma diferença epistemológica fundamental entre esses dois domínios – enunciação e pragmática – qual seja, a concepção de sujeito.”

*descobrir, conquistar, amar e conhecer*, as quais norteiam a divisão de capítulos de sua obra. Chega mesmo a propor um subcapítulo intitulado “Tipologia das relações com outrem”. Considera ainda que é somente no quarto movimento que o outro deixa de ser tratado como objeto e passa a ser considerado como sujeito. Esse fato “coroa” o massacre dos astecas: quando os conquistadores finalmente estão ‘conhecendo’ o outro é tarde demais.

Surpreendemos ao menos três desses movimentos no capítulo final da obra *O que resta de Auschwitz*: Agamben encontra Benveniste; depois se apropria de sua reflexão relacionando-a ao filósofo Foucault e, por fim, - por que não - Agamben aprecia Benveniste quando faz calar sua voz e deixa o escritor Primo Levi testemunhar a seu, a nosso favor.

Importante considerar que Benveniste é citado antes do último capítulo de *O que resta de Auschwitz*. No entanto, sua presença se faz de forma decisiva no último capítulo. Vamos então ao encontro do filósofo com o linguista.

### Agamben encontra Benveniste

Em Paris, em noite de 1969, Émile Benveniste, docente de linguística no Collège de France, foi acometido por um mal-estar em plena rua. Não tenho consigo documentos, não foi reconhecido; quando foi identificado já estava tomado de uma afasia total e incurável que nunca mais lhe permitiu desenvolver tarefa de qualquer tipo até a morte, ocorrida em 1972. No mesmo ano apareceu em Haia, na revista *Semiótica*, o estudo sobre a Semiologia da língua, em cuja conclusão ele delineia um programa de pesquisa que vai além da linguística saussuriana, mas que devia ficar descumprido para sempre. (AGAMBEN, 2008, p. 139)

A forma como o filósofo introduz esse encontro pode parecer pitoresca ou até mesmo anedótica. O recurso à ‘história de vida (e morte)’ não é vão: Agamben quer mostrar que linguista e obra nos deixam no momento mesmo em que sua maior contribuição às ciências humanas se efetiva: uma teoria da significação. Para Agamben, a maior contribuição de Benveniste é a de uma “semântica” da enunciação, isto é, o fato de que a enunciação não se referir ao texto do enunciado, mas ao fato de *ter lugar*, ou em suas palavras, “mas não é precisamente isso, que a enunciação representará a identificação na linguagem, de uma dimensão não semântica?” (p. 140).

Essa é a concepção da Filosofia da contribuição da linguística às ciências humanas (tal como entrevemos também no debate de Benveniste com Perelmann): o de haver localizado um lugar na linguagem que *não* pode ser saturado de sentidos, tal como a Filosofia vem estudado extensamente através de suas inúmeras disciplinas (Metafísica, Lógica, Fenomenologia etc.). A Filosofia encontra na Linguística a ‘descoberta’ de um lugar em que o sentido não se apreende.

### Agamben se apropria de Benveniste

No mesmo ano, 1969, Michel Foucault publicava *A arqueologia do saber*, que formula o método e o programa de suas investigações por meio da formação de uma teoria dos enunciados. Embora o nome de Benveniste não apareça no livro, e apesar do fato de Foucault eventualmente não ter conhecido os últimos artigos dele, um fio

secreto une o programa foucaultiano àquele delineado pelo linguista. É o fato de ter tomado explicitamente como objeto não as frases nem as proposições, e sim, precisamente, os enunciados, não o texto do discurso, e sim o fato de ele ter lugar, que constitui a novidade incomparável de *Arqueologia*. (AGAMBEN, 2008, p. 140).

Rapidamente, Agamben assinala dentro da filosofia um ‘lugar’ para a descoberta de Benveniste: esse lugar é ocupado ‘sem saber’ por Foucault. É um ‘fim secreto’ que une o linguista ao filósofo. No discurso de Agamben, percebemos que o anunciado projeto de uma metassemântica em Benveniste é realizado por Foucault e sua arqueologia. Em suas palavras, “a arqueologia realiza pontualmente o programa benvenistiano de uma “metassemântica construída sobre uma semântica da enunciação” (p. 141).

Poderíamos questionar essa rápida assimilação entre ‘enunciação’ e ‘arquivo’ (que Agamben definirá mais adiante na página 145 como a “dimensão positiva que corresponde ao plano da enunciação”). Como linguista é de fato de se perguntar: teria Agamben lido o texto “A forma e o sentido na linguagem” e sobretudo o debate entre o linguista e os filósofos? É possível alinhar tão rapidamente o conceito de ‘enunciação’ e o de ‘arquivo’? Em busca de esclarecimentos, consultamos o original em italiano “*L’archivio e la testimonianza*” (AGAMBEN, 1987). Observando o par testimonianza/testimoni (testemunho/a testemunha), a ‘resposta’ também veio rapidamente: em italiano a palavra para ‘testemunho’ tem um sufixo – *anza*, que segundo a Gramática de Dardano e Trifoni, é um sufixo responsável por transformar verbos em substantivos. (DARDANO; TRIFONI, 1995, p. 593). Assim, em italiano, as palavras “enunciação” (“enonciazone”) e “testemunho” (testemunhança?) (“testemonianza”) têm uma proximidade paradigmática maior do que em português. A assimilação que Agamben realiza entre ‘enonciazone’ e ‘archivio’ se efetiva, a nosso ver, por intermédio de ‘la testimonianza’. O filósofo encontra o linguista, deixando-se captar pela sua língua<sup>4</sup>, encontrando nela e por ela um lugar de dizer. Nenhuma novidade para o linguista. Talvez para o filósofo.

Como estudiosa de Benveniste e conhecedora da polissemia inerente ao seu pensamento sobre a ‘enunciação’, demonstrada exaustivamente por autores como Ono (2009), respondemos que não. Não é possível tal apropriação do conceito de ‘enunciação’ pelo de ‘arquivo’. Em Silva (2013), entendemos o ‘arquivo’ como um dos modos de existência da enunciação, assim como a ‘cena’ e o ‘testemunho’ seriam outros modos. Tal foi a nossa solução na época.

O próprio Agamben mostra um certo desconforto nessa rápida passagem que realiza entre Benveniste e Foucault, ou, mais precisamente, entre o conceito de enunciação e o de arquivo: “O que significa ser sujeito de uma dessubjetivação? Como um sujeito pode se dar conta de seu próprio desconcerto? Tal omissão não corresponde obviamente a um esquecimento ou incapacidade de Foucault, mas uma dificuldade implícita no próprio conceito de uma semântica da enunciação.” (p. 144). É nessa dificuldade que busca num texto

---

<sup>4</sup> Nenhuma novidade, considerando-se a reflexão de Benveniste sobre as relações entre línguas e a reflexão sobre o gesto da tradução como partindo sempre da língua materna, como assinala Flores (2018), no *II Colóquio Leituras de Émile Benveniste*, UPF.

quase desconhecido de Foucault, *A vida infame dos homens*, um conceito, que junto ao de arquivo, parece resolver a diferença entre língua e sujeito: o de *testemunho*.

### Agamben gosta de Benveniste

Nesse ponto, apesar de quase não mencionar Benveniste e o conceito de enunciação, vemos o *filósofo encontrar finalmente o linguista*. E também e sobretudo os poetas, esses linguistas sem teoria, esses falantes sem lugar definido na língua.

Se voltarmos agora ao testemunho, podemos dizer que dar testemunho significa pôr-se na própria língua na posição dos que a perderam, situar-se em uma língua viva como se fosse morta, ou em uma língua morta como se fosse viva – em todo caso tanto fora do arquivo, quanto fora do *corpus* do já-dito. Não causa surpresa que tal gesto testemunhal seja também o do poeta, do *auctor* por excelência. A tese de Holderin, segundo a qual “o que resta fundam-no, os poetas” não deve ser compreendida como a obra dos poetas dura no tempo. Significa sim que a palavra poética é que aquela que se situa, de cada vez, na posição de resto, e pode, dessa maneira, dar testemunho. Os poetas- as testemunhas- fundam a língua como o que resta, o que sobrevive em ato à possibilidade - ou impossibilidade de falar. (AGAMBEN, 2008, p. 160)

Que posição resta a nós, não poetas, falantes comuns? À de aderência total à língua como se ela fosse a vida, escapando dessa ordem somente no riso, na ironia e suas formas? A do refúgio à infância? Ou estaria Agamben assinalando que dentro de cada um de nós reside um poeta mais ou menos adormecido, alguém que pode trabalhar com o que lhe resta?

A experiência do ‘resto’, a posição do ‘testemunho radical’ não é privilégio dos afortunados da arte da palavra. É o que nos parece dizer o capítulo ‘No fundo’ da obra *É isto um homem*, de Primo Lévi, mote da obra de Agamben. Esse capítulo relata a chegada dos judeus a um dos *campos de concentração*, que define da seguinte forma:

quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte (...) ficará claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de extermínio”, bem como o que desejo expressar quando digo: chegar no fundo (LEVI, 1988, p. 25).

O trecho abaixo mostra o quão fácil o homem se deixa capturar por posições extremas em relação à vida e à linguagem.

Se fôssemos seres razoáveis, teríamos que aceitar esta evidência: que não podemos, absolutamente, prever nosso destino; que qualquer suposição é arbitrária e carece de todo fundamento. Raramente, porém, os homens são razoáveis quando está em jogo a sua própria sorte; eles preferem sempre as atitudes extremas; conforme seu caráter, alguns de nós convenceram-se logo de que tudo está perdido, de que aqui não dá para viver, de que a fim é próxima e inevitável; outros que, por pensar que seja a vida que as espera, a salvação é provável, e não está longe. (LÉVI, 1988, p. 34)

A incursão de Agamben ao dizer dos poetas e, mais especialmente, a Primo Lévi nos leva a crer que, para ele, Benveniste esteja mais próximo da filosofia pela via da reflexão sobre

o lugar do homem no mundo – talvez uma fenomenologia, como assinalava também Normand (2009, p. 150) – do que propriamente por uma arqueologia dos saberes. Nesse ponto, concordamos com Coquet, quando diz, no texto “Notas sobre Benveniste e a fenomenologia”:

Ainda mais fundamental era a proposição de Benveniste alguns anos antes, em 1956, acerca da instância de discurso. Aqui se encontra a meu ver o ponto de ancoragem da fenomenologia. Graças à noção de instância, generalizada, segundo Benveniste, em ‘instância enunciante’, era reintroduzido o problema crucial do real, que se acreditava obsoleto (lembramo-nos que as teorias dominantes nos anos 60 tratavam a linguagem como uma representação, isto é, adotavam o estrito ponto de vista cognitivo). Nessa perspectiva, o presente, o **“presente vivo” está no centro do dispositivo**. (COQUET, 2013, p. 140, grifos nossos)

No entanto, se a fenomenologia coloca o ‘homem’ como *centro* a partir do qual se sustentam as coordenadas espaciais e temporais que determinam seu discurso, a filosofia de Agamben parece atender a uma epistemologia “*da fuori*” (de “fora”), isto é, no dizer do filósofo Roberto Esposito, o pensamento italiano, derivado mas não dependente da filosofia alemã (Hegel e Nietzsche) e da teoria francesa (Deleuze e Foucault), estabelece-se de forma própria, como se lê na seção *Un pensiero afirmativo*:

Vimos como caracterizar o Pensamento Italiano seja de um lado por seu léxico predominantemente político, ou de outro lado a modalidade afirmativa em que é declinado. (...) Nesse sentido, é que se diz que o pensamento italiano traduz a semântica do ‘fora’ naquela do ‘contra’. A ascensão no confronto da linguagem filosófica comporta, por isso, uma tendência à valorização do conflito. (...) Naturalmente, uma atitude antagonista não é estranha à filosofia alemã nem à teoria francesa. (...) Mas o que distancia o Pensamento Italiano é a tentativa de conferir forma política a quanto o que resta sobre um plano inevitavelmente impolítico. Que não é nem a escritura na Teoria Francesa, nem o social na Filosofia Germânica, mas o político na sua dimensão conflitual. (ESPOSITO, 2016, p. 174-75)<sup>5</sup>.

Esse pensamento “*da fuori*”, que está tanto no conceito de ‘muçulmano’ quanto no de *homo saccar* de Agamben, leva o autor de *O que resta de Auschwitz* a conceber o locutor como aquele que ocupa um lugar à margem do acontecimento, de ‘fora’, ou numa relação de antagonismo, de conflito ‘em direção ao centro’ da linguagem. Para a filosofia italiana, então, a dimensão do *bios*, do corpo, em sua relação com a linguagem e com a posição (política) é incontornável: ou, nos termos de Esposito, a relação entre *bios* e *storia* não é da ordem da *transcendental* como na teoria francesa, ou *dialética*, como na teoria alemã, mas *conflitual*, isto é, produzindo um corpo (testemunho), um *corpus* (o arquivo) e, por fim, uma morte em

<sup>5</sup> No original: “Abbiamo visto come a caratterizzare l’Italian Thought sia da un lato il suo lessico prevalentemente politico, dall’altro la modalità affermativa con cui è declinato. (...) In questo senso si è detto che il pensiero italiano traduce la semântica del ‘fuori’ in quella del ‘contro’. L’eccedenza nei confronti del linguaggio filosofico comporta, per esso, una tendenza alla valorizzazione del conflitto. (...) Naturalmente un’attitudine antagonista non è estranea né alla filosofia tedesca né alla teoria francese. (...) Ma ciò che distanzia il pensiero italiano da entrambe è il tentativo di conferire forma politica a quanto in quelle resta su un piano inevitabilmente impolitico. Che non è né la scrittura della French Theory, né il sociale della German Theory, ma il politico colto nella sua inevitabile dimensione conflittuale.” (ESPOSITO, 2016, p. 174-75).

vida (uma potência de língua e, claro, de enunciação). Outro esclarecimento importante é o que Esposito faz entre uma *teoria*, uma *filosofia* e um *pensamento*, com vistas a definir melhor o que chama de *pensamento italiano*. Vejamos:

‘Pensamento’, nesse ponto de vista, é interpretado como alguma coisa que, ao invés de preceder à prática, nasce dessa numa forma que ultrapassa seja a autonomia da filosofia seja a neutralidade da teoria. Diferente da filosofia e da teoria, o pensamento enquanto tal sempre em ‘ato’, ativo e atual, assim como cada ato porta dentro de si um traço de pensamento. (...) Se a filosofia frankfurtiana se caracteriza como ‘negativa’ e se a teoria francesa, ao menos na sua vertente desconstrutiva, produz um efeito de neutralização, podemos encarar a hipótese de que a categoria modal do pensamento italiano seja a *afirmação*”<sup>6</sup> (ESPOSITO, 2016, p. 163-4).

Além da característica afirmativa do *pensamento italiano*, Esposito caracteriza-o ainda por outros dois aspectos: a) pela noção de *poder constituinte e poder constituído*, isto é, a passagem do poder do ‘operário de massa’ ao ‘operário social’, ou o nascimento do Estado como ‘criador’ do conflito entre classe trabalhadora e classe detentora dos meios de produção; b) pela noção de *comunidade e imunidade*, isto é, a conceitualização da comunidade como ‘o’ ser coletivo que, com a Idade Moderna, vai criando espaço privado, de imunidade (de não obrigação recíproca entre os membros) cada vez maior no próprio centro da esfera pública. Apesar de Esposito (2016) afirmar que o pensamento italiano é ‘jovem e imaturo’ em relação à tradição francesa e frankfurtiana que lhe precede, não se furta a citar referências filosóficas de origem pátria para fundamentar a existência de tal episteme: Nicolau Maquiavel (1469-1527) e Giambattista Vico (1678-1744). O conceito de ‘poder’ em Maquiavel como estratégia de manutenção do poder do príncipe e o de história da ciência em Vico como originária de um pensamento mitológico e poético do homem como advindo do princípio de que “os homens sempre que das coisas remotas e desconhecidas não podem fazer ideia, avaliam-nas a partir das coisas conhecidas e antevistas.” (VICO, Livro Primeiro, p. 33) são elementos fundamentais do *pensamento afirmativo*. Assim, este constitui-se como um horizonte de práticas fundado em certas concepções comuns, tais como poder, Estado e crenças<sup>7</sup>.

Ronda este texto, por fim, a hipótese de que *Agamben gosta de Benveniste* menos por sua teorização linguística ou uma certa filosofia da linguagem. Agamben, a nosso ver, capta no linguista Benveniste um *pensamento afirmativo*, uma práxis, uma ação na linguagem e pela linguagem e que, somente, por ser afirmativa é que é ação.

É possível, assim, a nosso ver, encontrar em Benveniste uma série de pistas sobre o

<sup>6</sup> No original: “‘Pensiero’ da questo punto de vista va interpretato come qualcosa che, anziché precedere la prassi, nasce da essa in una forma che oltrepasa sia l’autonomia della filosofia sia la neutralità della teoria. A differenza della filosofia e della teoria, il pensiero è in quanto tale sempre ‘in atto’, attivo e attuale, così come ogni atto porta dentro di sé una traccia di pensiero. (...) Se la filosofia francofortese si è caratterizzata come ‘negativa’ e se la filosofia francese, almeno nel suo versante decostruttivo, produce un effetto di neutralizzazione, possiamo affacciare l’ipotesi che la categoria modale del pensiero italiano sia l’affermazione.” (ESPOSITO, 2016, p. 163-4)

<sup>7</sup> A breve incursão ao trabalho de Esposito (2016) não nos isenta de insistir que o leitor procure ler o seu texto na íntegra. Certamente, há um artigo de história da filosofia italiana e sua relação com a linguística ainda ser produzido.



*pensamento afirmativo*, espalhado principalmente em seus textos em que as questões da subjetividade e da presença do homem na língua se marcam, como, por exemplo, o texto *Da subjetividade na linguagem* (PLG I) e o texto *O aparelho formal da enunciação* (PLG II). A título de ilustração citaremos um trecho de cada texto com o respectivo comentário.

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento, e é preciso realmente que seja com um instrumento material para que a comparação seja pelo menos inteligível, deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta a flecha a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1989, p. 285).

No longo trecho acima, observamos que Benveniste não só afirma como também reafirma o que pensa e concebe ser a natureza da linguagem. Percebe-se em seu estilo de escrita o ‘diálogo’, a força das afirmações pelas frases curtas (como em ‘São fabricações’) bem como a reiteração, marca indiscutível da presença afirmativa em seu dizer (‘Não atingimos nunca... Não atingimos jamais...’).

O tempo é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 1989, p. 85)

Nesse trecho, percebemos que Benveniste afirma que o tempo é o homem, e, mais do que isso, que o tempo é *vivido* pelo homem por meio da presença no discurso. Observamos aqui que Benveniste enfatiza, parafraseia o trecho “viver o ‘agora’ pelo acréscimo “e torná-lo atual”, conferindo ênfase para o processo de entrada do homem no mundo pela linguagem. Com seu estilo ensaístico de escrita, Benveniste confere poeticidade, plasticidade ao seu dizer. Como bem diz Roger (2009, p. 47-8, tradução nossa), na seção *Force de l’essai*, referindo-se à escrita de Benveniste:

Ampliando o plano de trabalho, substituindo o complexo em relação ao simplismo, a escritura do ensaio ultrapassa o simples esclarecimento semântico em um domínio, em que ele abre assim uma espécie de suspense intelectual (...). Medimos assim a amplitude, senão a utopia da tarefa que Benveniste deixa aos outros.<sup>8</sup>

Entre ser e deixar de ser, o filósofo é ainda aquele que no século XX ou XXI menos

---

<sup>8</sup> No original: “Élargissement du tableau, substitution du complexe au simplisme, l’écriture de l’essai dépasse la simple clarification sémantique dans un domaine où, le plus souvent, s’impose le sens commun, mais elle ouvre aussi une sorte de suspense intellectuel (...) On mesure mieux alors l’ampleur, sinon la utopie de la tâche que Benveniste a laissée à d’autres” (ROGER, 2009, p. 47-48).

duvida das categorias de pensamento que ele mesmo cria<sup>9</sup>. Mas o filósofo Agamben testemunha por todos nós ao finalmente encontrar o linguista Benveniste: quando o filósofo se permite deplorar da condição humana ao dar voz e vez aos miseráveis de Auschwitz pela voz do poeta Primo Levi. Agamben é um filósofo que escuta o linguista; que maneja conceitos estruturantes – arquivo – ao lado de conceitos singularizantes – testemunho; que baliza sua lógica argumentativa com o recurso do *exemplo*<sup>10</sup> e não com encadeamentos argumentativos. Por isso, a ele, nós, linguistas da enunciação, podemos recorrer. A título de conclusão escutemos um dos testemunhos contido no final do texto *O arquivo e o testemunho*, no qual a pungência de um *presente desesperado* parece reverberar nas palavras de Benveniste:

Quem não tiver sido muçulmano por algum tempo não poderá imaginar quão profundas são as transformações psíquicas sofridas por um homem! A própria sorte tornava-se tão indiferente que já não se queria mais nada e em paz se esperava a morte. Não se tinham nem a força nem a vontade de lutar pela sobrevivência cotidiana; nos bastava o hoje, a gente se contentava com a razão ou com o que o que encontrasse no lixo.... (Karol Talik) (AGAMBEN, 1998, p. 166)

Com o presente testemunho, percebemos que o tempo presente não é simplesmente um eixo imóvel em torno do qual gravitam os demais tempos verbais: o modo como o sujeito experiencia e é condicionado a experienciar o presente é radicalmente singular e afeta a configuração estrutural de outros tempos (no caso, o ‘hoje minguido’ constrói o ‘cotidiano sem horizontes, indiferente’).

### A proposição de uma epistemologia do encontro

Dosse (1993, p. 425-428) vaticina mais do que a queda da pretensa supremacia do Estruturalismo, mas mais precisamente, no capítulo *A ambição de uma ciência unitária*, o isolamento da intelectualidade francesa, num contexto em que a França deixa de ser a potência econômica imaginada pela Revolução Francesa para ser mais um país numa Europa plural. Muitos grandes linguistas deixaram a França e seguiram carreira acadêmica em outros países como Estados Unidos ou atuaram em departamentos ‘isolados’. Esse isolamento intelectual faz com que, segundo Dosse (...), “os setores mais afetados pelo contato linguístico foram as disciplinas que se encontravam numa situação ainda precária no plano institucional ou que estavam em busca de identidade em virtude de suas contradições internas.” (p. 427).

---

<sup>9</sup> A denúncia da falta de abertura da filosofia advém do próprio filósofo. Nancy, em livro sobre *A escuta*, afirma que “El filósofo no será quien entiende siempre (y entiende todo) pero no puedo escuchar o, más precisamente, quien neutraliza en sí mismo la escucha, y ello para poder filosofar?” (2015, p. 11).

<sup>10</sup> Sobre a noção de exemplo, remetemos o leitor ao próprio Agamben, no capítulo “Exemplo” do livro *A comunidade que vem*. Vejamos o que ele diz: “Um conceito que escapa da antinomia entre o universal e o particular nos é desde sempre familiar: é o exemplo. (...) Nem particular, nem universal, o exemplo é um objeto singular que, por assim dizer, se dá a ver como tal, *mostra* sua singularidade. O ser exemplar é o ser puramente linguístico. Exemplar é aquilo que não é definido por nenhuma propriedade, exceto o ser-dito” (2013, p. 18). De forma semelhante, Marcelo de Andrade Pereira (UFSM), em palestra sobre Agamben no Instituto de Psicologia da UFRGS em novembro de 2017, sintetiza o trabalho de Agamben como uma ‘teologia do exemplo’.

Esse contexto favoreceu o afastamento da linguística, por exemplo, da escola de filosofia analítica da linguagem e da filosofia de uma maneira geral. Parece-nos então que a linguística só é chamada pelas ciências humanas quando há uma ameaça no laço entre *bios* e *logos*, quando a biopolítica ameaça vidas que importam para alguém (quem mais além da sociologia se preocupa com os ‘excluídos’?).

De um ponto de vista menos dramático mas tão contundente quanto perspectiva de Dosse, Caussat (2016) em texto, intitulado “Crise da razão-logos e invenção da razão-língua”, faz um percurso da entrada do problema da linguagem para a filosofia. Situa Humboldt, Kant e Hegel como precursores esquecidos pela história da filosofia, apesar das lições sobre a especificidade da linguagem em suas reflexões, bem como apresenta Wittgenstein como um outro grande ponto de virada na consideração do linguístico na ordem do pensamento e, finalmente, Agamben como alguém “que escuta o languageiro no discurso filosófico” (2016, p. 219). Finaliza a sua reflexão da seguinte forma:

a linguagem se tornou a ‘cruz dos filósofos’: o espinho na sua cadeira. A questão da linguagem não cessará de inquietar sua boa consciência, essa fé na razão que lhes dá a certeza e a autoridade de enunciar princípios e construir sistemas ignorando o meio no qual, e mesmo pelo qual, eles pensam. (...) Filosofia da linguagem? Não: filosofia e linguagem, com a linguagem, na troca dialógica, única promessa vivificante para o Logos que não existe sem o homem nem para ele, mas com ele, na constante inventividade da enunciação<sup>11</sup> (AGAMBEN, 2016, p. 220, tradução nossa)

Com tudo isso, quero dizer que o encontro de Agamben com Benveniste é raro e deve ser apreciado com o mesmo prazer de uma obra de arte que nos fascina. Agamben dá testemunho da potência do pensamento e da escrita de Benveniste. Cabe a nós entender esse legado como um ‘encontro’ e não simplesmente como um conjunto fechado de categorias e classificações, com em leituras tradicionais de um autor, que, a meu ver, desafia a própria constituição da linguística como ciência autônoma<sup>12</sup>. Ousamos então retirar as aspas da palavra ‘encontro’ e dar-lhe o peso de uma decisão: só é possível, a nosso ver, propor em uma interdisciplinaridade, se assumirmos, com Normand (2009), radicalmente os princípios de uma *epistemologia do encontro*. Devemos ler, assim, as afirmações; os enunciados, e não os conceitos; apreciar o estilo, e não as ideias; demonstrar o encontro de autores e não isolar teorias e tarefas. Resta, certamente, descrever de forma mais abrangente *qual é* o estilo de uma dita epistemologia do encontro: nos dois trechos que analisamos do texto de Benveniste identificamos, por enquanto, a recorrência da paráfrase e da repetição verbal, bem como das

---

<sup>11</sup> No original: “La langue est devenue la ‘croix des philosophes’, l’écharde dans leur chair. La question de la langue ne cessera plus d’inquiéter leur bonne conscience, cette foi en la raison qui leur donne l’assurance et l’autorité d’énoncer des principes et de construire des systèmes en ignorant le médium dans lequel, voire par lequel, ils pensent. (...) Philosophie du langage? Non: philosophie et langage, avec la langue, dans l’échange dialogique, seule promesse tenable et vivifiante pour le logos qui n’est ni sans l’homme ni pour lui, mais avec lui, dans la constante inventivité de la parole.” (p. 220-21).

<sup>12</sup> A pesquisa de Dutra (2018) se propôs a contabilizar e analisar as ocorrências do termo ‘ponto de vista’ no *Curso de Linguística Geral de Saussure* e nos *Problemas de Linguística Geral I e II* de Benveniste e constatou que no segundo autor há abertura interdisciplinar para esse termo.

frases curtas e quase peremptórias. Outras marcas e sequenciamentos linguísticos devem ser mapeados para ratificar a hipótese levantada.

## Referências

- AGAMBEN, G. L'archivio e la testimonianza. In: AGAMBEN, G. *Quel che resta di Auschwitz: l'archivio e il testimone*. Torino: Bollatti Boringhieri, 1998. p. 127-160.
- AGAMBEN, G. Exemplo. In: AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 17-19.
- AGAMBEN, G. O arquivo e o testemunho. In: AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 139-170.
- BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 220-244.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. p. 284-293.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-90.
- CAUSSAT, P. Crise de la raison-logos et invention de la raison-langue. In: NORMAND, C. SOFIA, E. *Espaces théoriques du langage: des parallèles flous*. Louvian-La-Neuve: L'Hamartan, 2016. p. 187-221.
- COQUET, J. C. Nota sobre Benveniste e a fenomenologia. In: COQUET, J. C. *A busca do sentido: a linguagem em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 99-110.
- DARDANO, M.; TRIFONE, P. *Grammatica italiana con nozioni di linguistica*. Milano: Zanichelli, 1995.
- DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. Vol. 1: O campo do signo. Tradução Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1993.
- DUTRA, K. Coup d'oeil: a noção de ponto de vista em Saussure e Benveniste e o fazer do linguista. *XXX Salão de Iniciação Científica (2018-UFRGS, RS)*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/190894>.
- ESPOSITO, R. *Da fuori: Una filosofia per l'Europa*. Torino: Einaudi Editori, 2016.
- FLORES, V. A língua, as línguas, o pensamento: apontamentos de leitura de Categorias de pensamento e categorias de língua. *Desenredo*. Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 504-514, 2018. <https://doi.org/10.5335/rdes.v14i3.8539>
- LEVI, P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- NANCY, J. L. *A la escucha*. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.
- NORMAND, C. Interior/exterior: função de uma metáfora. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 135-152.
- NORMAND, C. Saussure- Benveniste. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 197-204.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Benveniste*. Paris: Limoges, 2007.

ROGER, J. Émile Benveniste contre la doxa: l'allure pensive de l'essai. In: MARTIN, S. (dir.). *Émile Benveniste pour vivre langage*. Mont-de-Laval: L'atelier du Grand Tétras, 2009. p. 39-69.

SILVA, S. A especificidade da noção de jogo em Agamben: influência da análise linguística ou hipótese da infância? *Controvérsia*. São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 97-105, 2019.

SILVA, S. *O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino da escrita*. Porto Alegre. 2013. 221 f. Tese (Doutoramento em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

TODOROV, T. *A conquista da America: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perroni Moi. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VICO, G. *Princípios de (uma) ciência nova: acerca da natureza comum das nações*. Trad. Antonio Lázaro de Almeida Prado. Coleção Pensadores. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974.

Recebido em: 21/10/2019.

Aceito em: 09/03/2020.